



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

PREPOTÊNCIA POLÍTICO-RELIGIOSA

Marcos Roberto Inhauser

Nos anos 60 circulou pelos Estados Unidos um documento que mais tarde se conheceu como Santa Fé I, que fazia uma análise da América Latina, enxergava o perigo de que ela caísse nas mãos dos comunistas, identificava a igreja progressista como o maior inimigo dos Estados Unidos e propunha algumas ações. Este documento levou, segundo a conclusão de muitos estudiosos, a uma ação coordenada pelo Instituto de Religião e Democracia (da ultradireita norte-americana), fazendo campanha para desmoralizar o ecumenismo (força aglutinadora das correntes cristãs), a promover a divisão nas igrejas e o enfraquecimento das lideranças eclesiais. Foi neste momento que começaram a aparecer os primeiros tele-evangelistas com sua pregação alienante, pró-Estados Unidos, com a possibilidade de não mais precisar se reunir para ter vida religiosa, mas com a pregação e eucaristia celebradas via televisão. Mais que isto, estudiosos têm apontado como este movimento também desencadeou um sem fim de divisões nas igrejas históricas e a proliferação de denominações e igrejas independentes, parte delas dirigida por pessoas sem nenhum preparo teológico.

Se de um lado a igreja progressista fazia a opção preferencial pelos pobres e tinha visão socialista, a direita religiosa norte-americana “fabricou” a teologia da prosperidade, opção preferencial pela riqueza, bem ao gosto da economia de mercado. Se a teologia da libertação propugnava um estilo de vida mais simples, a teologia da prosperidade ensina o consumo e a opulência. Se a primeira era uma visão teológica sob a influência de ideias marxistas, a segunda era a teologia neoliberal.

Tudo indica que há um novo Documento de Santa Fé que tem balizado as ações do governo Bush. As evidências são de que há uma revitalização da teologia do Destino Manifesto (segundo a qual os EUA são a nação escolhida por Deus para implantar o Seu Reino na terra), uma campanha de descrédito para com as ações cooperativas (se antes combateram o ecumenismo religioso, hoje combatem o ecumenismo das nações na sua visibilidade das Nações Unidas), a demonização das religiões não-cristãs (é evidente a associação que se faz entre o islamismo e o terrorismo), a formação de cruzadas modernas (as missões ao mundo árabe através de campanhas missionárias do tipo Janela 10-40, usando especialmente não-americanos para levar a “mensagem”, pois eles mesmos não têm acesso a estes povos), na divisão da cooperação entre os povos, evidente na tentativa de dividir a Europa como unidade político-econômica, na linguagem ético-religiosa (eixo do mal, eixo do bem, etc.).

Há ainda, para mim, a mensagem subliminar da superioridade de um povo. Ao dizer que pode ganhar duas guerras simultâneas sozinho, ao agir como polícia do mundo, ao sentenciar quem é do bem e do mal, ao exigir que outros não tenham o que eles têm, estão dizendo que são de natureza diferente dos demais povos, os quais devem se submeter ao que querem os superiores.

Tal como o profeta bíblico, me ponho em paciente espera, crendo que *“Ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó”* (Isaías 26:5).